
EDITORIAL

Motivação, vontade e querer são ingredientes essenciais para um sentimento colectivo de defesa, sentimento que, centrado no Homem, resultará na razão directa da sua formação moral e cívica e, bem assim, do modo como estiver, intelectual e culturalmente, preparado.

Não será, pois, despidiendo, o reflectir sobre este tema, numa altura em que a Juventude inicia mais um ciclo de actividade académica.

Muito menos se encararmos, como certo, num futuro já visível, processos globalizantes de ensino e aprendizagem, nomeadamente «à distância», os quais, aliados ao fenómeno da revolução tecnológica, se antevêem como vírus de ruptura cultural ou mesmo de quebra de identidade.

A Instituição deverá caber, em conformidade, procurar o alargamento consistente dos saberes que substitua ou elimine o superficial despreocupado e a ligeireza bem-falante e pseudo-convincente, produzindo homens sérios; dar, no ritmo certo os instrumentos adequados para que os Seres, por eles próprios, se vão apercebendo desses saberes, enquanto, naturalmente, se diferenciam uns dos outros, em hierarquia, que os talentos e vocações distinguem e dispõem.

Dos responsáveis, inteligentes e sabedores, se espera e exige que consigam formar e liderar subordinados e seguidores mais conscientes das suas limitações, identificando e colocando-se esses mesmos responsáveis ao lado da inteligência disponível, em doação ao bem comum.

Estamos em crer que a vulgarizada ideia de que «quem é bom numa coisa é bom em todas» dará lugar à figura dos naturalmente aptos, porventura os mais capazes de sistematizar, pro-

porcionando aos outros os intermédios e as garantias do conhecimento adquirido que reproduzem, pelo que haverá que detectá-los e aproveitá-los, sob pena de se perderem ou esterilizarem.

Nesta perspectiva, incumbirá aos chefes limitar os projectos ao exequível em tempo útil, atentos, como gestores do possível, às debilidades e potenciais da média de saberes e cuidadosos na utilização das aptidões maiores.

Existe muito, na nossa idiossincrasia, de atávica tendência para inculpar o Destino, a Natureza, do que se julga escapar ou ser exterior à capacidade humana, quando, em verdade, isso é atitude de inferiores gradações do saber, senão mesmo de ignorância.

E quanto mais ignorantes — o cidadão e a comunidade — mais simples se torna o seu controlo, determinando um comportamento individual e colectivo desumanizado e anticristão.

Pelo contrário, o saber dá às pessoas o conhecimento mais perfeito do seu papel, dos seus direitos e deveres, das suas potencialidades e fraquezas.

Pode saber-se pouco, mas só isso é já noção de liberdade.

Sentir-se-á cada um mais livre, conhecendo os seus limites, uma vez que, atendo-se a eles, se liberta da ameaça psicológica do ignorado.

Dá a necessidade de conhecer a realidade da vida, através de cada um e de si próprio, o que facultará uma muito melhor arquitectura à capacidade de afirmação pessoal e global dos que o entendam, erradicando a desastrosa postura de permanente espera pelo dia de amanhã, por alguém que faça as coisas, que resolva os problemas, que dê a mão.

As pessoas têm que entender e entender-se, racionalizando, pensando por si próprias, em trabalho mental independente.

Há que formar e informar, abolindo o mínimo sintoma de despersonalização, valorizando o humano, o indivíduo que pensa, que é capaz.

O jovem tem de aprender por si, com as «ferramentas» que se lhe puderem oferecer, estudando para a vida, não para o exame.

Há que ensinar para fazer coisas, não se quedando em avaliar se se está capaz, ou se se tem o potencial para as fazer; se cada um provou a aptidão para aplicar o seu potencial, em vez de se ficar na incerteza ou na probabilidade de um potencial incapaz de realizar seja o que for.

Os tempos que correm são propícios à especialização, evidentemente necessária, em detrimento da universalidade do saber; ao homem-máquina, privado de entender. E entender é a sua razão de existir.

O Homem pensa. Será crime reduzi-lo a peça de fria engrenagem, qual nada manipulável e manipulado.

Esta reflexão, contudo, nada traz, em si, de novo.

Interpreta tão-só a mensagem há séculos legada por um Português deste nosso Portugal.

Valor insigne, mas esquecido da sua mais pura valia, pela nossa geração.

Um espírito superior, um excepcionalmente apto para reconhecer no Portugal do século XIII, afinal o de hoje, o lugar de confluência das culturas existentes e passadas, portando na vanguarda do conhecimento.

Que daí extraiu o essencial, transformando-o, como enciclopedista e grande filósofo, em cartilha por onde aprenderam, durante três séculos, as gentes doudas da Europa.

Alguém cultíssimo que, pondo termo a 1000 anos de noite escura de ignorante estagnação, soube agarrar os expoentes das civilizações grega, islâmica e do seu tempo, para nos dar o farol pedagógico que levou o europeu ao Renascimento do qual somos resultante.

Chamava-se Pedro Julião, foi Papa João XXI e é conhecido por Pedro Hispano.

Mestre em Psicologia e Medicina, consubstanciou na lógica da palavra o produto da sua meditação e do seu saber, cuja sistematização e síntese iluminadamente transmitiu.

Um sábio que ensinou e pôs o Homem a pensar, racionalizando o entendimento, através da percepção correcta da ambi-

guidade da palavra, em suas múltiplas significâncias, mutações e conteúdos.

Que não se quedou na lógica matemática, redutora daquela ambiguidade, mas simultaneamente limitativa dos horizontes da inteligência.

Nas «Summulae Logicales», trabalho marcante por onde as crianças e os bacharéis se formaram ao longo de 300 anos, propôs que «a dialéctica é a arte das artes e a ciência das ciências», que abre o caminho ao conhecimento dos princípios de todos os métodos.

A lição permanece viva e actual.

Cultive-se o significado da palavra; eduque-se a mente, sistematizando um raciocínio logicamente analítico.

Forme-se e transforme-se a Juventude em Seres informados, privilegiando a qualidade num quantitativo espiritualmente universalista, mas simultânea e demonstradamente capaz de coisas práticas, numa era de especialização.

Teremos Homens preparados para o Século XXI.